



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ - BREVES
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

TIAGO DA SILVA ALBUQUERQUE

**DIALOGANDO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE BREVES, ESTADO DO
PARÁ**

BREVES-PA
2021

TIAGO DA SILVA ALBUQUERQUE

**DIALOGANDO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE BREVES, ESTADO DO
PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciado em Ciências Naturais.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Maria Goreti Coêlho de
Souza

**BREVES
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- A345d Albuquerque, Tiago da Silva.
Dialogando sobre infecções sexualmente transmissíveis
com alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas
na cidade de Breves, estado do Pará / Tiago da Silva
Albuquerque. — 2021.
36 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. MSc. Maria Goreti Coêlho de Souza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de
Ciências Naturais, Breves, 2021.
1. Saúde. 2. Adolescência. 3. Sexualidade. 4. Infecções. I.
Título.

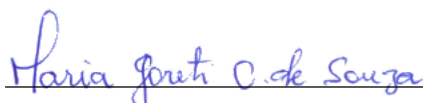
TIAGO DA SILVA ALBUQUERQUE

**DIALOGANDO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE BREVES, ESTADO DO
PARÁ**

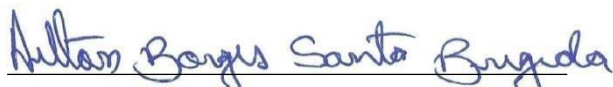
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Naturais. Aprovado com o conceito: BOM.

Orientador(a): Profª. MSc. Maria Goreti Coêlho de Souza

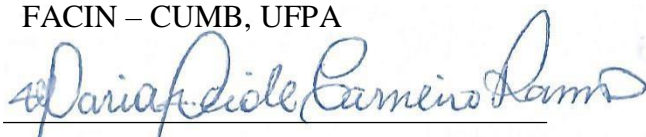
Comissão Examinadora:



Profª. Mª. Maria Goreti Coêlho de Souza
FACIN – CUMB, UFPA (Orientadora)



Prof. Dr. Ailton Borges Santa Brígida (Titular)
FACIN – CUMB, UFPA



Profª. Dra. Maria Neide Carneiro Ramos (Titular)
FACIN – CUMB, UFPA

Aos meus pais, amigos e à minha querida orientadora Maria Goreti Coêlho de Souza.

AGRADECIMENTOS

Nesta vida nada conseguiríamos se não tivéssemos ajuda de pessoas especiais que nos momentos mais difíceis sempre estão dispostas a estender a mão quando mais precisamos. Por esse motivo não posso deixar de agradecer a pessoa que mais me deu força para terminar este trabalho de conclusão de curso, minha orientadora Maria Goreti Coêlho de Souza, uma das melhores professoras com quem já estudei. No começo não foi muito fácil, alguns desencontros e divergências de opiniões, contudo superamos as dificuldades e concluímos com êxito este trabalho. Devido a importância da sua figura na minha graduação, seu apoio se tornou um acalanto muito importante nos meus dias de aflição quando pensei que não iria conseguir, com suas palavras de incentivo e motivação me deram forças para não desistir.

Agradeço a toda a coordenação e corpo docente da Faculdade de Ciências Naturais do campus de Breves (UFPA/FACIN-Breves), os quais me proporcionaram conhecimentos inestimáveis que com certeza contribuíram para minha formação em quanto futuro decente, cada um com sua devida importância, fizeram a diferença para eu tivesse um olhar mais crítico e pudesse ser um agente ativo na sociedade. Ao Prof. Dr. Luiz Marcelo de Lima Pinheiro que me deu oportunidade trabalhar junto a ele no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), projeto no qual foi utilizado para dar início a elaboração deste trabalho.

Poucas pessoas tiveram acesso a minha trajetória para a conclusão do meu TCC, e por isso não poderia deixar de agradecer ao meu grande amigo Bruno Magalhães, uma das melhores pessoas que eu já conheci na vida, sempre me deu ótimos conselhos os quais nunca irei esquecer, a única pessoa que me viu chorar quando pensei que não entregaria este trabalho a tempo, bem como nos dias de alegria quando alcancei o tão sonhado objetivo.

Agradeço a minha família que me deu todo apoio moral e financeiro durante a realização do curso de Ciências Naturais, meus cunhados que me ajudaram no transporte quando não tinha condições de pagar moto táxi para me levar até a faculdade, minhas irmãs que sempre que podiam me ajudavam de alguma forma, sou muito grato. Aos meus pais que nunca deixaram faltar nada durante todo o meu processo educativo, me ensinaram a honrar meus professores, cuidar dos meus materiais e mesmo tendo um nível baixo de escolaridade sempre me mostraram o exemplo de como viver uma vida honesta e pacífica na sociedade.

Por fim, as escolas e professores que permitiram minha entrada e aos participantes, sem os quais não teria acontecido o projeto!

“Ao menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

Albert Einstein.

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis estão entre os problemas mais comuns de saúde pública em todo o mundo e a adolescência é a fase em que há maior risco de contrair as doenças provenientes dessas infecções. As constantes mudanças sociais ocorridas no mundo indicam que a escola deve atender as exigências impostas pela sociedade, tornando clara a necessidade de abordar questões de sexualidade e ISTs com os alunos. Este estudo foi realizado no ano de 2016 em duas escolas públicas de ensino fundamental na cidade de Breves, Estado do Pará. A pesquisa teve como objetivo analisar o conhecimento prévio desses alunos sobre infecções sexualmente transmissíveis. Inicialmente, foi trabalhada uma dinâmica a fim de avaliar o conhecimento dos estudantes sobre o tema. Em seguida, foi realizada uma palestra sobre as ISTs, e ao final das atividades foi aplicado um questionário estruturado com perguntas abertas, para avaliar a apropriação dos conhecimentos socializados. Percebeu-se com a dinâmica realizada que os estudantes, inicialmente, apresentavam pouco conhecimento sobre o assunto e alguns resistiam a falar sobre o tema. Quando sondados acerca dos conhecimentos prévios, apenas 25% afirmaram que conheciam as ISTs, revelando que muitos alunos da rede pública de ensino não possuem o conhecimento que deveriam sobre as ISTs. 62% dos entrevistados afirmaram nunca ter participado de uma palestra sobre essa temática. Contudo, durante a intervenção o público mostrou-se mais aberto as discussões. Apesar da boa aceitação da palestra pela maioria dos alunos, constatou-se que, 19% dos alunos sentiram-se desconfortáveis ao falar sobre as ISTs. Nesse sentido entende-se que trabalhar questões sobre sexualidade ainda é um desafio, pois alguns estudantes ainda não se sentem confortáveis para discutir o assunto. Diante disso, a existência de projetos que possam desenvolver o tema na escola, é indispensável, pois contribuiria bastante para amenizar esse grande problema social.

Palavras - chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis, Saúde, Adolescência, Sexualidade.

ABSTRACT

Sexually transmitted infections are among the most common public health problems around the world and adolescence is the phase when there is a greater risk of contracting diseases from these infections. The constant social changes that have taken place in the world indicate that the school must meet the demands imposed by society, making clear the need to address issues of sexuality and STIs with students. This study was carried out in 2016 in two public elementary schools in the city of Breves, State of Pará. The research aimed to analyze the prior knowledge of these students about sexually transmitted infections. Initially, a dynamic was worked on in order to assess the students' prior knowledge on the subject. Then, there was a lecture on ISTs, and at the end of the activities, a structured questionnaire with open questions was applied, to assess the appropriation of socialized knowledge. It was noticed with the dynamics performed that the students, initially, had little knowledge about the subject and some resisted talking about the topic. When surveyed about prior knowledge, only 25% said they knew about STIs, revealing that many students in the public school system do not have the knowledge they should about STIs. 62% of respondents said they had never participated in a lecture on this topic. However, during the intervention, the public was more open to discussions. Despite the good acceptance of the lecture by most students, it was found that 19% of students felt uncomfortable when talking about STIs. In this sense, it is understood that working on issues about sexuality is still a challenge, as some students still do not feel comfortable discussing the subject. In view of this, the existence of projects that can develop the theme at school is indispensable, as it would contribute a lot to alleviate this great social problem.

Keywords: Sexually Transmitted Infections, Health, Adolescence, Sexuality.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Etapas da pesquisa desenvolvida nas escolas.....	16
Gráfico 2 -	Número de alunos que relataram ter participado experiências anteriores em palestras sobre ISTs.....	18
Gráfico 3 -	Conhecimentos prévios apresentados pelos alunos sobre as ISTs.....	19
Gráfico 4 -	As impressões que os alunos tiveram da temática abordada.....	22
Gráfico 5 -	Sensações dos participantes da pesquisa em falar sobre ISTs.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	METODOLOGIA.....	15
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
3.1	O CONHECIMENTO DOS ALUNOS SOBRE AS ISTS – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS.....	17
3.2	A IMPRESSÃO DOS ALUNOS SOBRE O ESTUDO/PESQUISA.....	22
3.3	A APRESENTAÇÃO DE IMAGENS COMO RECURSO PARA O ENSINO.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28
	ANEXO - OFÍCIO DE APRESENTAÇÃO NA ESCOLA.....	34
	APÊNDICE A - AFIRMAÇÕES DA DINÂMICA: CONCORDO X DISCORDO.....	35
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA A ANÁLISE DA PALESTRA.....	36

1 INTRODUÇÃO

As problemáticas de saúde adquiridas através de relações sexuais são muitas e atingem pessoas de diferentes idades e sexo, uma delas são as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) que estão entre os problemas mais comuns de saúde pública em todo o mundo (BRASIL, 2006).

A expressão “Doenças Sexualmente Transmissíveis” que consiste em apresentar sinais e sintomas visíveis da doença no organismo foi substituída, por meio do decreto nº 8.901/2016 publicado no Diário Oficial da União, pela terminologia “Infecção Sexualmente Transmissível” (IST), que implica em períodos assintomáticos ou se mantém assintomática durante toda a vida do indivíduo e é somente detectada por meio de exames laboratoriais (BRASIL, 2019). Portanto, será esta a expressão adotada no texto deste estudo.

Há algumas divergências entre os autores para definir como se denomina a temática onde as questões sobre ISTs são trabalhadas. Nos últimos anos o termo “educação sexual” tem sido substituído por “orientação sexual”, uma vez que abrange o desenvolvimento sexual compreendendo a saúde reprodutiva, as relações interpessoais, a afetividade, imagem corporal, autoestima e relações de gênero (LADISLAU, 2015). A orientação sexual também considera a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano (BRASIL, 1998). Em contrapartida a educação sexual, inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia (ALTMAN, 2003).

Uma vez que questões sobre sexualidade fazem parte do dia a dia dos alunos, o governo federal foi inserindo ao longo dos anos a orientação sexual no currículo escolar de forma transversal nos documentos que norteiam a educação no Brasil, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) (BARBOSA, 2019).

Segundo Leôncio (2013) a principal função dos Parâmetros Curriculares Nacionais é a de propiciar aos sistemas de ensino, subsídios à elaboração do currículo escolar, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno. Portanto, a questão da orientação sexual deveria ser incluída entre os temas transversais do currículo escolar, pois indiscutivelmente, essas questões se apresentam na vida e no cotidiano da maioria dos alunos, devendo ser trabalhada por todos os professores das diversas áreas de ensino.

Em 1995 o Ministério da Educação e Cultura – MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais que incluiu a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados no contexto escolar (BOMFIM, 2009).

O PCN é um documento que serve de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo nas escolas. Este, por sua vez, diz que a orientação sexual deve ser realizada de forma sistemática e suas metas não envolvem somente a aquisição de conhecimentos e habilidades básicas das funções reprodutivas, mas para direcionar o pensamento dos alunos e esclarecer as dúvidas acerca de seu corpo. O trabalho de orientação sexual exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado (BRASIL, 1998).

Por sua vez a BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver. Um dos objetivos destacados neste documento são os conhecimentos sobre a sexualidade, onde os alunos devem identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas ISTs e discutir estratégias e métodos de prevenção (BRASIL, 2017).

A adolescência é a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta (PAPALIA, *et al.*, 2013). É nessa fase que o adolescente se torna vulnerável diante das características da própria idade, da falta de habilidade para a tomada de decisões, bem como da responsabilidade, nem sempre existente, ao se envolverem em relacionamentos afetivos e sexuais de forma precoce (ALENCAR, *et al.*, 2008). Esses aspectos do desenvolvimento representam uma condição de vulnerabilidade às ISTs, consideradas um problema de saúde pública, não apenas por sua alta incidência e prevalência, mas por suas consequências (AZEVEDO, *et al.*, 2014).

Então, tomando por premissa que a escola é a instituição que desempenha um papel relevante na formação global do indivíduo e que é um espaço diariamente frequentado por adolescentes durante um longo período de suas vidas, torna-se assim o lugar ideal para se trabalhar a orientação sexual (BOMFIM, 2009). Dessa forma, o aprendizado desses conhecimentos servirá como alerta para um viver sexual mais responsável por parte dos educandos (FIGUEIRÓ, 2009). Sendo assim, é necessário que desde o ensino básico, sejam bem pensadas as metodologias de abordagem acerca da orientação sexual e para tal os professores devem considerar as concepções prévias dos alunos e o mesmo deve se sentir seguro e preparado para desenvolver atividades relativas a este tema (GATINHO, *et al.*,

2015).

Devemos levar em conta que um dos problemas que envolvem a orientação sexual, é que a matriz curricular dos cursos de Graduação em Ciências Naturais não apresenta uma disciplina que trabalhe essa temática, fazendo com que os professores se sintam despreparados, passando a tratar o assunto em suas aulas apenas pelo aspecto biológico, reduzindo a sexualidade ao aparelho reprodutivo, o que pode provocar uma falha no processo de conhecimento dos alunos (BOMFIM, 2009). Outra problemática é que no livro didático de Ciências do 8º ano, onde os conteúdos pertinentes ao tema são inseridos, há uma enorme lacuna entre aquilo que é apresentado no livro e aquilo que o aluno precisa ter acesso para iniciar reflexões, aprendizados ou mesmo mudanças de conduta (LADISLAU, 2015).

A orientação sexual não abrange apenas o sexo em si, como muitos pensam, tratar sobre a sexualidade de alguém vai muito além disso. Para Altmann (2001) esse termo vem de um pressuposto histórico que tomou a constituição do sexo como objeto de estudo da verdade, em discursos baseados em confissão, ou seja, discursar, comentar, falar a verdade sobre o sexo e das ações relacionadas a ele, por isso o nome sexualidade. E diretamente ligado a isto, estão as doenças contraídas a partir do sexo sem proteção, refletindo a falta de discursos de orientação sexual nas escolas, pois são nesses discursos que é trabalhado a respeito da prevenção contra as ISTs.

Segundo o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT, 2015) as Infecções Sexualmente Transmissíveis são causadas por mais de 30 agentes etiológicos entre vírus, bactérias, fungos e protozoários.

As ISTs elencadas como as mais recorrentes e seus respectivos agentes etiológicos são as seguintes: Tricomoníase (*Trichomonas vaginalis*), Clamídia (*Chlamydia trachomatis*), Gonorreia (*Neisseria gonorrhoeae*), Herpes Genital (HSV-2), Condiloma Acuminado (HPV), Sífilis (*Treponema pallidum*) e a AIDS ocasionada pelo vírus do HIV (BRASIL, 2015; BOTTEGA, 2016; FIOCRUZ, 2019).

A transmissão das ISTs ocorre principalmente de uma pessoa que esteja contaminada a outra por contato sexual sem o uso do preservativo, bem como pelo uso de instrumentos perfuro cortantes não esterilizados contaminados (BOTTEGA, 2016). Muitos indivíduos não sabem que são portadores de ISTs, por não apresentarem os sintomas da doença. De acordo com a Rede de Educação de Técnicos em Saúde (RETS), isso faz com que as pessoas não procurem tratamento, e uma vez que esses indivíduos continuam a fazer sexo sem proteção, transmitem essas infecções para terceiros, que ao manterem o mesmo comportamento, geram uma cadeia de transmissão. No ano de 2016 houve registros diários de mais de um milhão de

novos casos de ISTs curáveis entre pessoas de 15 a 49 anos no mundo. O relatório indica que, em comparação a 2012, não houve nenhum declínio significativo no número de infecções. Segundo a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO, 2016) - o sexo sem proteção está causando a explosão do número de pessoas infectadas.

Visando a região do Marajó, mais especificamente o município de Breves onde foi desenvolvido este trabalho. A Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) não possui Boletim publicado, mas disponibilizou alguns dados de ISTs notificados a partir do ano de 2011 a 2019, no município. Dentre esse período percebeu-se um aumento nos registros de casos das ISTs.

No ano de 2011 foram registrados apenas quatro tipos de infecções sexualmente transmissíveis, apresentando um total de 48 casos, sendo a Sífilis a mais notificada com 25 casos. Já em 2019 houve um aumento significativo no registro das ISTs no município de Breves com 158 casos confirmados. A Secretaria Municipal de Saúde registrou casos de AIDS apenas em 2018, neste ano foram nove notificações enquanto em 2019 foram registrados dez casos (SEMSA) – BREVES.

Desta forma, considera-se necessário que os alunos obtenham conhecimento sobre as ISTs de maneira a serem capazes de se prevenir e terem uma vida sexual tranquila e prazerosa, livre de consequências tristes e irreversíveis. Assim o objetivo geral deste estudo foi analisar o conhecimento dos alunos sobre infecções sexualmente transmissíveis em duas escolas públicas do ensino fundamental no município de Breves, Estado do Pará, Brasil. E os objetivos específicos foram: verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre ISTs através da realização de uma dinâmica; observar a aceitação dos alunos a respeito de uma palestra sobre ISTs; refletir sobre métodos e práticas de ensino para melhor aplicar o conteúdo de ISTs nas escolas.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos do 8º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de Breves. A escolha deste público alvo está atrelada ao fato de a matriz curricular abordar o tema IST como conteúdo da disciplina de Ciências Físicas e Biológicas (CFB), além de ser um tema transversal, ressaltando ainda mais sua importância, pois deve ser trabalhado em todas as disciplinas do Currículo Escolar.

Este estudo fez parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) sob a coordenação do professor Dr. Luiz Marcelo de Lima Pinheiro no ano de 2016.

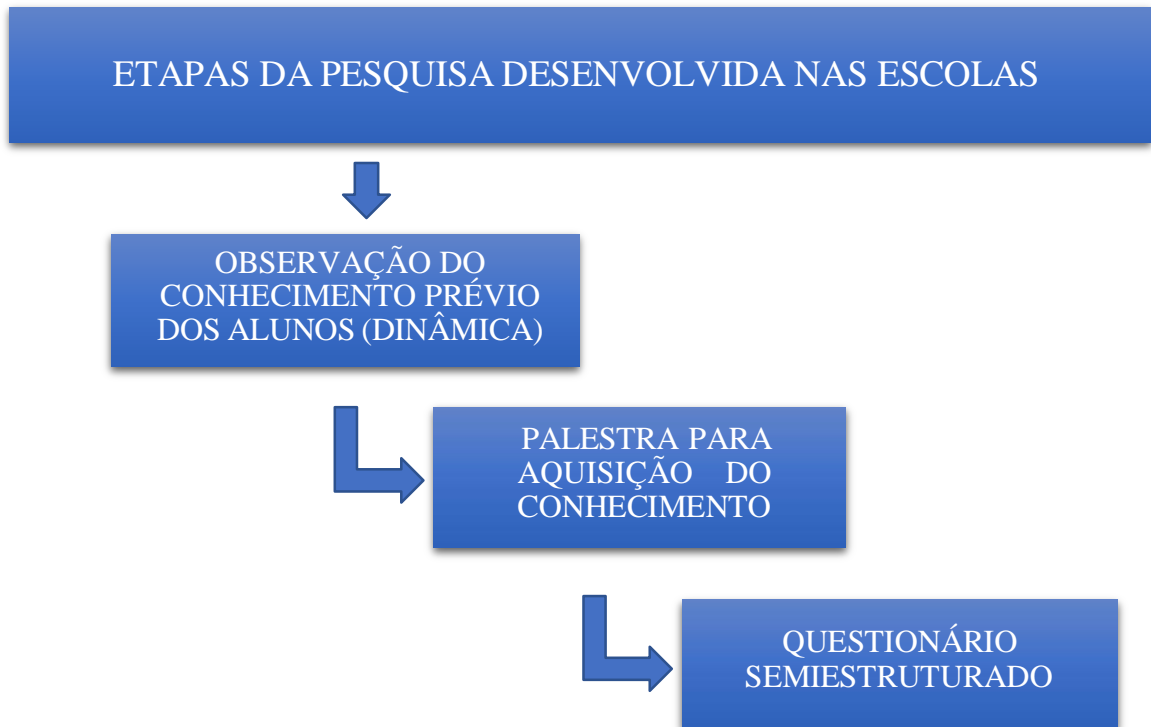
Primeiramente, para dar início às atividades do projeto foi entregue à direção das escolas um ofício (Anexo A) redigido pelo coordenador do projeto PIBID. Obtendo, desta maneira, o consentimento da direção e do corpo docente da escola. Em seguida, a coordenação da escola a seu critério escolheu as turmas participantes do projeto.

A pesquisa realizou-se em dois dias distintos, nos dias 06 e 13 de junho de 2016, nas escolas “A” e “B”, respectivamente, levando um período de quatro horas para realizar todas as atividades propostas em cada escola, contando com a participação voluntária de 43 alunos.

A abordagem metodológica utilizada foi a do tipo pesquisa-ação, que busca explorar uma situação problema a fim de preparar um projeto de intervenção a ser aplicado (THIOLLENT, 1986). A técnica usada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada em um roteiro guia que continha quatro perguntas de respostas livres, objetivando verificar por meio da análise dos questionários o que os alunos aprenderam através da palestra realizada pelo método de observação (GIL, 2008).

Dessa forma, a pesquisa se deu em três momentos, conforme o organograma a seguir (Gráfico 1), o primeiro para observar o conhecimento prévio dos alunos por meio de uma dinâmica, gerando os dados iniciais (Apêndice A), segundo promover uma palestra sobre o que é, os perigos, as consequências e a prevenção das ISTs, e o terceiro para coletar os dados adquiridos ao final das atividades através de um questionário (Apêndice B).

Gráfico 1. – Etapas da pesquisa desenvolvida nas escolas.



Fonte: Autoria própria.

Iniciando as atividades em sala de aula, primeiramente foi explicado o motivo do projeto aos alunos bem como ao professor titular da classe, logo em seguida foi realizada a dinâmica, intitulada “concordo ou descordo” que teve como objetivo avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre ISTs.

A dinâmica funcionava da seguinte forma: foi pregado na parede da sala de aula duas cartolinas, uma do lado direito escrito “concordo” e outra do lado esquerdo escrito “descordo”, assim, uma afirmação sobre ISTs era repassada aos alunos, e eles por sua vez tinham que ir para um dos dois lados da sala, para o lado direito se concordassem com a afirmação ou para o esquerdo se discordassem. Enquanto isso, um dos alunos que se absteve de participar da pesquisa em si ficou responsável em anotar em uma folha de papel A4, quantos participantes concordavam e discordavam. Ao final da dinâmica que foi realizada em um período de uma hora, os dados obtidos foram repassados pelo aluno responsável para ser analisado posteriormente.

Logo após o término desta dinâmica, houve o início da palestra com duração de duas horas com o tema: “O que precisamos saber sobre as ISTs?” A palestra objetivou esclarecer a grande ocorrência das ISTs entre os jovens e, para tanto, utilizou-se o Datashow para apresentar as principais infecções sexualmente transmissíveis, seus sintomas, tratamentos, forma de transmissão e prevenção.

Após a apresentação foi aplicado um questionário semiestruturado (Apêndice B). Neste questionário o aluno não precisava se identificar, nele continham perguntas que possibilitavam aos alunos registrarem suas experiências anteriores ao estudo, descreverem sobre o que aprenderam e comentarem a respeito do trabalho como um todo.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza quantitativa. Os dados foram analisados de maneira conjunta, de acordo com dados de sondagem prévia e pós a dinâmica, além de identificar respostas objetivas e subjetivas. Quanto a estas últimas, considerou-se como respostas subjetivas algumas reações, dúvidas e curiosidades, apresentadas pelos alunos durante o momento das atividades. Posteriormente, a partir dos dados foram construídos gráficos usando o programa Excel para apresentar os resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O CONHECIMENTO DOS ALUNOS SOBRE AS ISTs – RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A análise dos resultados se deu através da observação da dinâmica e dos registros dos questionários, ambos foram aplicados para sondar o conhecimento dos alunos acerca das ISTs. Através da dinâmica, identificamos a quantidade de alunos que responderam se concordavam ou não com as afirmações sobre ISTs, para assim permitir um primeiro diálogo com os estudantes.

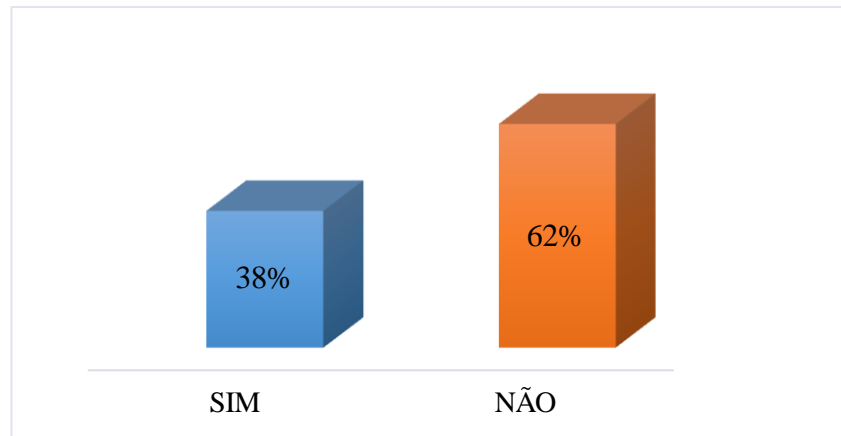
Através do questionário, observaram-se os relatos de experiências que os alunos obtiveram a partir da palestra desenvolvida nesta pesquisa, bem como de outras anteriores.

Então, quando questionados sobre a experiência anteriores em palestra com essa temática, 62% dos participantes alegaram não terem vivido essa experiência, até então. Por outro lado, os 38% que responderam Sim (Gráfico 2) alegam ter vivenciado de maneira superficial e, quando em sala de aula, não tiveram a oportunidade de conhecer opiniões de outras pessoas e nem esclarecer suas maiores dúvidas, conforme pode ser observado no relato abaixo dos alunos A e B:

“Já sim, mas não igual a essa, essa palestra entendi mais” (Aluno A)

“Sim eu já tinha participado, mas pra muito diferente.” (Aluno B)

Gráfico 2. Número de alunos que relataram ter participado experiências anteriores em palestras sobre ISTs.



Fonte: Pesquisa de campo.

A proposta e a forma de execução da palestra não foram pensadas apenas para extrair algum tipo de conhecimento prévio que os alunos tinham e que talvez nunca tenham refletido, mas também para repassar de maneira lúdica os conhecimentos que eles não tivessem, na tentativa de despertar mais interesse em participar do restante do trabalho para que pudessem obter a informação e o aprendizado necessário acerca do tema e de cuidados consigo.

Assim, consideramos que os relatos indicam: 1) a escassez desse tipo de atividade nas escolas da cidade de Breves; 2) evidenciam a necessidade de criar ou aumentar atividades e projetos voltados para o tema, a fim de promover os esclarecimentos destes jovens e preveni-los para os perigos dessas infecções; e 3) que as outras atividades das quais os alunos participaram anteriormente não proporcionaram o conhecimento necessário para tomar os devidos cuidados com o seu corpo, conforme evidenciaram através das inúmeras e variadas dúvidas durante as atividades prévias e a palestra.

Segundo um estudo do Ministério da Saúde (2013), a condição básica para tratar dos assuntos relacionados à sexualidade e à saúde reprodutiva é abrir espaços para alunas e alunos se sentirem à vontade em opinar, discutir e refletir criticamente sobre essas questões.

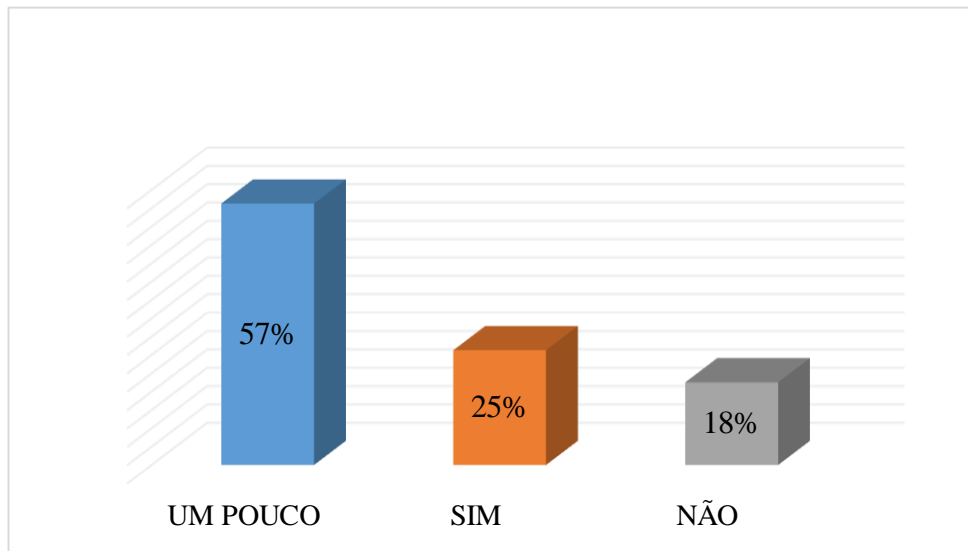
Então, considerando o papel da escola como instituição capaz de formar o indivíduo de maneira global e, por ser um espaço que os alunos frequentam diariamente, torna-se assim o lugar ideal para se trabalhar a orientação sexual (BONFIM, 2009). Essa orientação está preconizada nos documentos oficiais que norteiam a educação no Brasil, como a BNCC que traz a temática de forma transversal, uma vez que é um assunto de grande interesse e relevância social nessa faixa etária. Um dos objetivos destacados na BNCC são os conhecimentos sobre a sexualidade, onde os alunos devem identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas ISTs e discutir estratégias e métodos de

prevenção (BRASIL, 2017).

Desta maneira, o professor deve se preocupar com a metodologia utilizada para fazer a abordagem deste tema, considerando o estímulo para os alunos sentirem-se mais confiáveis em expor suas dúvidas. Assim, o conteúdo e a metodologia utilizada devem oferecer aos alunos a oportunidade de se apropriarem dos conhecimentos como instrumentos para reflexão e mudança em sua própria vida (BNCC, 2017; GATINHO, *et al.*, 2015; FIGUEIRÓ, 2009; PCN, 1998).

Quando sondados acerca dos conhecimentos prévios das ISTs (Gráfico 3), considerou-se como um baixo conhecimento do assunto, uma vez que apenas 25% afirmaram que conheciam as ISTs. Considerando o resultado anteriormente citado, não nos surpreende os resultados apresentados para esta segunda questão, revelando que muitos alunos da rede pública de ensino não possuem o conhecimento que deveriam sobre as infecções sexualmente transmissíveis, ratificando a necessidade de mais abordagens deste tema.

Gráfico 3 - Conhecimentos prévios apresentados pelos alunos sobre as ISTs.



Fonte: Pesquisa de campo.

O baixo conhecimento é reforçado e marcado por muitas surpresas por parte dos alunos participantes. Essa reação pode estar ligada ao fato de os alunos não conhecerem alguns nomes de ISTs, a forma de transmissão por relações sexuais desprotegidas, as consequências de adquirir as ISTs e também desconhecimento relacionado a algumas palavras que poderiam ser consideradas comuns no dia a dia, tais como anal e vaginal, como consta no relato do “aluno C”.

Os conhecimentos demonstrados, limitaram-se às ISTs mais difundidas pela mídia, como a AIDS e a Gonorreia. Ainda, percebeu-se a falta de discernimento acerca do agente etiológico e da doença em si, como é o caso do HIV e da AIDS. Uma vez que nem todo portador do vírus desenvolve a doença (BRASIL, 2019).

Observemos alguns relatos:

“Eu não sabia o significado da palavra anal e vaginal”.(Aluno C) “Já sabia de algumas coisas, mas hoje fiquei sabendo que pode pegar AIDS pelo sangue”. (Aluno D)

“Eu não sabia que na relação sexual anal tem mais risco de pegar DST do que na relação sexual vaginal.”(Aluno E).

“que existem doenças que não apresentam sintomas” (Aluno F). “não sabia que existiam várias doenças sexualmente transmissíveis.”(Alunos H)

Consideramos que este baixo conhecimento esteja atrelado, entre outros motivos, à ausência de diálogos que possibilitem aos alunos conhecerem mais a fundo o tema abordado. Assim como, é preciso levar em consideração os detalhes das informações reapassadas. Uma palavra que para os professores parece ser comum, quando recebe atenção e a devida explicação, contribui para que o aluno adquira o conhecimento sobre os riscos existentes ao praticar relações sexuais sem preservativo, seja por via anal, vaginal e/ou oral.

Todavia, é inevitável não saber algo sobre as ISTs, uma vez que o assunto pode surgir nas conversas entre os adolescentes, posts nas redes sociais que muitas vezes afirmam conceitos sobre determinado assunto, porém possuem pouco ou nenhum fundamento científico, mas que acaba sendo tomado como verdade absoluta (CÍRIACO, 2019). Um exemplo ao que nos referimos está na afirmação feita durante a palestra sobre a forma de transmissão das ISTs, quando um aluno afirmou que “o compartilhamento de objetos pessoais pode facilmente transmitir ISTs”.

A grande questão que se apresenta aqui é a generalização infundada e alimentada pelo desconhecimento. Esta generalização por si só já se constitui em uma ameaça potencial para o adolescente, uma vez que ele pode descartar o uso de preservativo e atentar apenas para os cuidados com objetos perfurocortantes. O compartilhamento de objetos pessoais podem ser veículos de contaminação de IST quando estes estão contaminados por sangue infectado (UNAIDS, 2019). Contudo, depende do agente causador da infecção, pois algumas infecções como a gonorréia e tricomoníase são transmitidas exclusivamente por via sexual (SILVA, *et al.*, 2018), remetendo novamente ao uso de preservativo como medida de prevenção.

O sexo sem proteção pode deixar sequelas, logo o conhecimento é uma das formas utilizadas e muito importante para a prevenção das ISTs e suas formas de transmissão. É importante que os adolescente saibam que o uso da camisinha durante o sexo anal é uma forma de prevenção importante para ambos os parceiros, uma vez que há o envolvimento de vários fluidos como o esperma, sangue, etc., pois as partes do corpo envolvidas no ato sexual apresentam mucosas frágeis e de fácil contaminação (BRASIL, 2002; SILVA, 2015; ALMEIDA, 2019). Dessa forma, tanto a família quanto a sociedade e o Estado possuem grande responsabilidade na educação sexual de jovens para que, por meio do conhecimento, eles sejam mobilizados a se prevenir contra as ISTs (CÍRIACO, 2019).

Entende-se que a família é o primeiro e um dos principais agentes na socialização dos indivíduos e, por isso é importante que os pais não deleguem a outros a tarefa de falar com os filhos sobre sexo, devendo fornecer informações corretas sobre a sexualidade, dando total apoio aos jovens no início de sua vida afetiva e sexual, buscando saber qual a forma mais adequada para abordar o assunto (BRASIL, 2002; SILVA, 2015; ALMEIDA, 2019). Contudo, alguns estudos indicam que a família não é muito citada como fonte de informação sobre sexualidade e IST (MARTINS, 2020; MORAIS, *et al.*, 2021). Gonçalves (2013) acrescenta que a falta de orientação e ausência de diálogo relativo à sexualidade no seio da família, tende a expor os adolescentes à prática do sexo inseguro e a gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, sentimentos de vergonha e culpa.

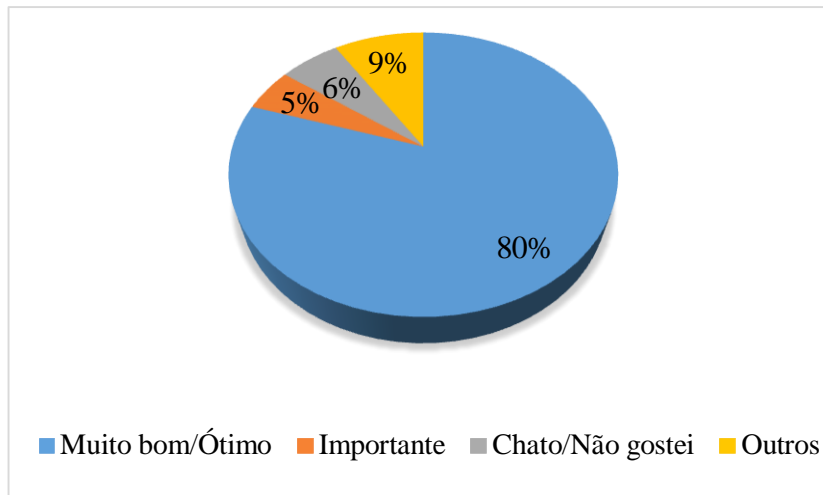
Considerando que, depois do ambiente familiar, é a escola que complementa a educação dada pela família, tem ela uma imensa responsabilidade na formação de seus alunos (ALMEIDA, 2019). Nesse contexto, a escola, a família e o Estado devem caminhar juntos em busca de uma educação que contemple essa temática na sua transversalidade.

Esta realidade evidencia a necessidade de um trabalho sistemático de orientação sexual para dar conta desta demanda, tendo em vista que embora este assunto seja discutido na atualidade, ainda existe grande dificuldade em torná-lo presente nas práticas pedagógicas no cotidiano escolar (BOMFIM, 2009).

3.2 AS IMPRESSÕES E SENSACIONES DOS ALUNOS SOBRE A PESQUISA

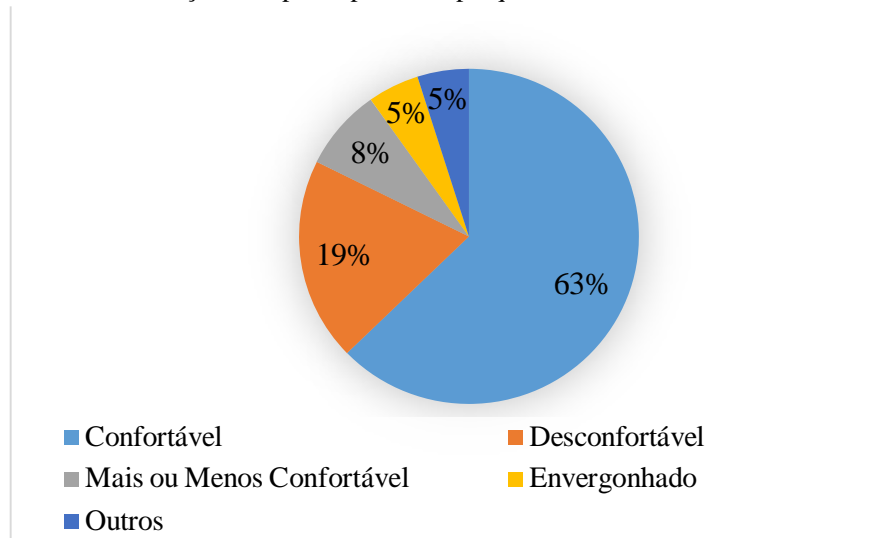
Desde o início os alunos mostraram-se curiosos, receptivos e descontraídos e isto se refletiu nos resultados acerca das impressões que os participantes tiveram sobre a pesquisa, revelando que 80% acharam muito bom ou ótimo (Gráfico 4). O que também pôde ser confirmado pela facilidade em manifestar seus questionamentos e opiniões. Somado a isto, observou-se também uma demonstração de preocupação com a prevenção, haja vista pela manifestação do aluno J ao afirmar que achou bem legal por que “[...] *É sempre bom saber como se prevenir em algumas coisas*”.

Gráfico 4 - As impressões que os alunos tiveram da temática abordada.



As impressões puderam ser corroboradas por 63% de sensações confortáveis apresentadas pelos participantes ao discutir o assunto ISTs, conforme demonstrado no gráfico 4.

Gráfico 5. Sensações dos participantes da pesquisa em falar sobre ISTs.



Fonte: Pesquisa de campo.

Segundo o Ministério da Saúde, trabalhar a partir de um grupo de reflexão ou debate estimula os adolescentes e jovens a refletirem sobre atitudes e expor dúvidas, que em uma conversa comum não iriam surgir (BRASIL, 2013). Atribui-se a positividade dessas impressões e sensações ao diálogo constante mantido com os alunos. Assim como no processo de intervenção de Franco (2019), os adolescentes tiveram a oportunidade de expor suas ideias e opiniões relacionadas ao assunto abordado, o que favoreceu a troca de conhecimentos, o entrosamento e o diálogo. Considera-se que este diálogo gerou uma descontração permitindo a abertura de um espaço onde alguns perderam a vergonha de falar diante de um público sobre um tema que, ao que indica, é pouco comentado no cotidiano destes alunos e assim puderam sanar as dúvidas e quebrar um pouco do tabu criado sobre o assunto (HIROZAWA, 2013).

Confirmando que as atividades ativas, o debate e a intervenção favoreceram um processo educativo-participativo, no qual os alunos são estimulados a trocarem experiências, vivências e conhecimentos atuando como sujeito reflexivo e ativo na realidade do ensino-aprendizagem (CARNEIRO, 2015).

Apesar da boa aceitação da palestra pela maioria dos alunos, foi encontrado quem não se atraiu pela metodologia adotada para o ensino de ISTs. Constatou-se que, 19% dos alunos sentiram-se desconfortáveis ao falar sobre as ISTs, (Gráfico 5) e 6% responderam que a palestra era chata ou não gostaram (Gráfico 4). Pois há sempre aqueles que de alguma forma rejeitam participar de palestras com esses tipos de conteúdo, e neste trabalho não foi diferente, conforme a afirmação abaixo:

“Eu particularmente não gosto de falar sobre sexo, eu me sinto constrangida” (Aluno K).

Alguns alunos não reagiriam bem à explanação deste tema, pois para essas pessoas ainda é difícil falar sobre sexualidade, por vergonha, medo ou questões religiosas, outros ainda tem algum preconceito e é um desafio discutir assuntos como esse, difíceis de serem abordados pelos pais, que por muitas vezes não proporcionam os conhecimentos básicos dentro de casa (BERVANGER, 2017). Um número expressivo de pessoas ainda acredita que o melhor é não conversar sobre o assunto, por mais importantes que eles sejam (BRASIL, 2013). No entanto, são barreiras que precisam ser trabalhadas com bastante cuidado pelos educadores, pois esse tema envolve cultura, ética e religião, preceitos que são passados de geração a geração pelas famílias.

Verificou-se assim como Ferreira (2007) que as causas do desinteresse dos alunos, atualmente, variam desde atitudes autoritárias ou descaso de alguns professores, falta de estrutura escolar, falta de incentivo e exemplo dos pais, até o desenvolvimento de outras atividades relacionadas com o tema, dificultando ainda mais o aprendizado.

Por outro lado, também pode se observar junto com a rejeição frases de entusiasmo e compreensão, afirmando que aprenderam muitas coisas, como neste comentário:

“Um assunto que sempre deve ser abordado, mas que com certeza não é confortável” (Aluno M).

Isso significa que apesar de os alunos não gostarem de tratar desses assuntos abertamente ao público, reconhecem a importância desse conhecimento para o decorrer de suas vidas.

Os alunos também manifestaram algumas atitudes inevitáveis em sala de aula, como é pontuado por Figueiró (2009) principalmente quando se trata de assuntos voltados para a sexualidade, tais como fazer “piadinha” em relação ao tema e zoar com o colega simplesmente por ele ter feito alguma pergunta sobre determinada infecção. Certamente esse comportamento demonstrou que tais alunos ainda não compreendiam a gravidade e a importância do que estava sendo trabalhado. É importante destacar que o referido grupo de adolescentes demonstrou possuir características peculiares da fase da adolescência, alguns parecem despreocupados e irresponsáveis diante das condutas de prevenção às ISTs (BRUM, 2017).

Todavia, no momento da explicação todos ficavam igualmente atentos e surpresos em descobrir novos conhecimentos. A atenção dos alunos foi estimulada e mantida por perguntas

que eles mesmos faziam e estas foram esclarecidas ao longo da apresentação, fazendo com que eles refletissem o que realmente sabiam sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

Como a pergunta que um dos alunos fez durante a palestra, indagando se lavar os genitais após a relação sexual diminui o risco de contrair alguma IST. Não há dados científicos que comprovem que lavar os genitais evita ISTs, ou gravidez. No entanto, a ducha pode criar um maior risco de contrair ISTs, pois ela altera a flora vaginal e aumenta a probabilidade de desenvolver vaginite bacteriana (COTTRELL, 2010).

A discussão da temática sexualidade em sala de aula pode trazer inquietudes e desconfortos, pois trata da vida e de comportamentos íntimos do outro, perpassando pelo imaginário popular de alunos e educadores, provocando um sentimento de estranheza (FEITOSA, 2018).

3.3 O USO DE IMAGENS COMO RECURSO PARA O ENSINO

O corpo de um adolescente passa por muitas mudanças físicas e fisiológicas e por isso é de extrema importância que o adolescente tenha conhecimento sobre ele, sobre seu mecanismo de funcionamento relacionado à puberdade e a maturação sexual (Ferraz, 2015) para que possa identificar as alterações contidas nele como tamanho, forma, cor, odor, etc., afim de buscar ajuda médica com o máximo de brevidade possível, quando necessário. Daí a importância de apresentar imagens reais para que o aluno se depare com a possível realidade que poderá vivenciar e até reconhecer desconfortos que possam estar sentindo.

Apesar de haver na política de ensino progressista um ponto que defende o uso de imagens como recursos chaves para estimular o interesse dos alunos na aprendizagem (Oliveira, 2017), observou-se durante a palestra reações bem adversas nos alunos. Quando foram questionados se haveria algo para mudar na palestra, alguns disseram que não precisaria mudar nada. Enquanto que outros responderam “as imagens” e até associaram as mesmas a algo indecente:

“Acho que deveria manear um pouco nas imagens, sendo que foram um pouco indecentes...” (Aluno N).

Algumas das imagens mais impactantes para os alunos foram as de pessoas com cancro mole, doença que causa verrugas genitais. Os alunos ficaram tão chocados que após a palestra alguns permaneceram para fazer mais perguntas e conversar sobre o tema.

Neste momento o docente deve se mostrar receptivo explicando e tirando as dúvidas sobre sexualidade de forma clara e objetiva, pois o trabalho pedagógico e as curiosidades sobre orientação sexual não se encerram na sala de aula, devem ser estendidas por projetos sociais, a fim de esclarecer não apenas a classe estudantil, mas a sociedade como um todo (BOMFIM, 2009).

A apresentação de fotos reais emite uma precisão maior para a construção do conhecimento dos alunos. Em seu estudo Gatinho (2015) pôde mostrar que o principal material didático foram as imagens, essas por sua vez, emitem mais curiosidade nos educandos. Elas foram o tema principal das respostas de alguns alunos, nota-se no argumento de um aluno que diz:

“...ainda não havia visto imagens de pessoas com DSTs” (Aluno P).

Denotando o receio que muitos professores têm em mostrar esses tipos de imagens que inegavelmente são fortes, mas necessárias para entender quais males as infecções podem trazer ao nosso corpo. No estudo de Ferraz, (2015) constatou-se que o conhecimento adequado sobre o corpo e suas transformações se mostrou uma ação essencial e de longo prazo para promover saúde e prevenir malefícios.

Na palestra observou-se que as imagens de pessoas doentes traziam um impacto muito grande aos alunos. Assemelhando-se a intervenção de Silva (2015), onde concluiu que quando apareciam algumas imagens, os adolescentes ficavam bem agitados e surpresos e começavam a fazer comentários uns com os outros, causando um pouco de desordem, o que é normal nesta fase.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos tiveram uma boa reação ao se deparar com o tema IST, que é indiscutivelmente necessário para alunos do 8º ano do ensino fundamental, pois alguns conceitos importantes ainda são pouco conhecidos dos alunos dessa faixa de ensino e muitos jovens e adolescentes não têm conhecimento das consequências que uma relação sexual desprotegida pode trazer-lhes.

O conhecimento apresentado pelos alunos sobre ISTs foi bem superficial, por esse motivo a aplicação da dinâmica que possibilitava conhecer o entendimento prévio dos alunos foi de grande importância.

Todos os alunos participavam da palestra apoiando a intervenção, e os que não participavam tanto, escreveram no questionário o quanto importante era o que estava sendo feito, e o quanto contribuiu para suas vidas. Durante a apresentação os participantes aproveitaram a liberdade para expor suas opiniões, defender suas ideias e discutir aquilo que lhe era viável. Quando foi pedido para escreverem algo que aprenderam, obteve-se retornos notáveis.

Ao final das atividades houve alunos dizendo que na palestra deveria ter mais incentivo para as pessoas fazerem exames de rotina que é uma ótima maneira de se prevenir, aliás essa foi a palavra mais encontrada nos comentários dos alunos após a apresentação do conteúdo. Muitos concordaram que é bom ser discutido esses assuntos porque ajudam as pessoas se prevenirem.

E enfim, percebe-se através da falta de conhecimento dos alunos a grande dificuldade que os professores tem em trabalhar esse conteúdo em sala de aula. Entende-se que os professores estão mais preocupados em apenas passar o conteúdo do plano de ensino que a escola propõe, e acabam não se preocupando com os conteúdos procedimentais ou atitudinais para com os alunos.

Para que esse quadro possa ser revertido faz-se necessário a implementação de um processo educativo que trate as questões sexuais e suas manifestações sob um aspecto natural, superando os tabus e preconceitos tão comuns a este assunto.

Uma alternativa para a intervenção em escolas públicas seria de reservarem um período de seu calendário escolar para atividades de esclarecimento sobre os perigos que o sexo praticado sem proteção pode trazer. Diante disso, a existência de projetos que possam desenvolver o tema na escola, é indispensável, pois contribuiria bastante para amenizar esse tão grande problema social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S; CORRÊA R. F; ROLIM, I. L. P. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 5. 2017.p.1087-1093.

ALENCAR, R. A; SILVA, L; SILVA, F. A; DINIZ, R. E. S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Revista Ciência e Educação**, v. 14. 2008, p.159-168.

AZEVEDO, B. D. S; REIS, C. C. A; SANTOS, K. T; DUARTE, A.C. S; BOERY, R.N.S.O. Análise da Produção Científica Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sua Relação Com a Saúde Escolar no Brasil. **Educação em Revista**, v. 30, 2014, p. 315-334.

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Programa de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Saúde/IMS/UERJ. **Estudos Feministas**, v. 2, 2003, p. 575-585.

BARBOSA, L. U; VIÇOSA, C.S.C.L; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica - Acervo Saúde**, v. 11. 2019, p. 1-10.

BERTOLINI, D. B. **Sexualidade e adolescência**: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental. 2015. 104 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras – UNESP/Araraquara. 2015.

BOMFIM, S. S. **Orientação Sexual na Escola**: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5605662-Orientacao-sexual-na-escola-tabus-e-preconceitos-um-desafio-para-a-gestao.html>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BOTTEGA, A; CANESTRINI, T; RODRIGUES, M. A; RAMPELOTTO, R. F; SANTOS, S. O; SILVA, D. C; HÖRNERL, R. Abordagem das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: Revisão de literatura. **Revista Saúde**, Artigo de Revisão. Santa Maria, MS. 2016, p. 91-104.

BRASIL. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. Doenças Sexualmente Transmissíveis, 2006. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_controle_das_dst.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED**. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcd18>>. Acesso em 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. 2015. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2015>>. Acesso em 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Guia de Prevenção das DST/Aids e Cidadania para Homossexuais**. 2002. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_17.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2021

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental Secretaria de Educação Fundamental.– Brasília: MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRUM, M. B. **Percepções de adolescentes frente as IST/HIV/AIDS: demandas de cuidado à saúde na perspectiva das vulnerabilidades**. 2017. Tese de doutorado em Enfermagem- Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

CARNEIRO, R. F. Educação Sexual na Adolescência: Uma Abordagem no Contexto Escolar. **SANARE**, v. 1, . 2015, p. 107

CIRÍACO, N. L. C; PEREIRA, L. A. C; CAMPOS, P. H. A. **A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas**. 2019. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

COTTRELL B. H, **Uma revisão atualizada das evidências para desencorajar a ducha**. 2010. Disponível em: <<https://helloclue.com/pt/artigos/sexo/ists-duvidas-e-perguntas-frequentes>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

FERRAZ, L. D; MONTEIRO, E. M. Sexualidade na adolescência: conhecendo o corpo e a mente. Resumo. ENEXT/I ENEXC, 15, 2015. Recife. **Anais...Pró Reitoria de Extensão e Cultura** da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/38978/1184596/91.pdf/160d21e8-d510-4168-a053-ef5e19e94675>>. Acesso em 09 nov. 2021.

FEITOSA, P. S. **Análise do conhecimento e comportamento de adolescentes escolares frente às Ist/ Aids. Hiv.** 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/37718>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum.** Londrina : UEL, 2009. 190 p.

FILHA. Célia de Souza Ladislau. **IST/AIDS e preservativos: análise de livros didáticos de ciências distribuídos pelo PNLD/2014.** 2015. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biologia). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas-BA, 2015.

FIOCRUZ. **Mais de um milhão de Infecções Sexualmente Transmissíveis ocorrem todos os dias.** Disponível em: <<http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias>>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

FRANCO, K. C. G.; ALMEIDA, P. E.; MOREIRA, B. ABORDAGEM SOBRE ISTS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CARATINGA-MG. **Lynx, [S. l.], v. 1, n. 1, 2020.** DOI: 10.34019/2675-4126.2020.v1.25589. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lynx/article/view/25589>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FREBASGO. **Número de Infecções Sexualmente Transmissíveis aumenta.** Disponível em: <<https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/565>>. Acesso em: 15 de jan. de 2021.

GATINHO, Malena Marília Martins et al. Educação sexual no ensino de ciências: uma intervenção no ensino fundamental. **Anais II CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15915>>. Acesso em: 21/08/2021.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, R. C; FALEIRO, J. H; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Revista Halos, v. 5.** 2013.

HIROZAWA, S. S; OLIVEIRA, V.L.B, S. A. **Oficina de educação para sexualidade com adolescentes: um relato de experiência.** n. 1992, 2009

MARTINS, M. H. L. G & BRITO, L. J. Relação sexual e doenças sexualmente transmissíveis: uma abordagem disciplinar de amostragem feita pelos alunos da Escola municipal Maria Celeste Pires Leite Em Catingueira- PB. **Anais VII CONEDU** - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69474>>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

MENDES, S. F. A.; COSTA, K. L. R. **Estratégia educativa sobre saúde sexual e prevenção de IST/DST**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharel em Medicina)-Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2020.

MESQUITA, G.F. **Abordagem das infecções sexualmente transmissíveis no ambiente escolar**: uma reflexão baseada no processo de ensino-aprendizagem. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO). Vitória de Santo Antão, 2019.

MORAIS, L. C; LOBATO, J. M. S. COSTA, J. F. S; PANTOJA, L. C. R. Intervenção sobre a educação sexual em duas escolas da rede pública de ensino no município de Cametá-PA. **Revista Brazilian Journal of Development**, v. 7. n. 2, 2021.

MORAN, J.M. Mudando a educação com metodologias ativas. **Revista Coleção: Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II .PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015

OLIVEIRA, F. M. **Tendências Pedagógicas Progressistas Brasileiras**: concepções e práticas. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico do Porto – Rio de Janeiro. 2017. 203 f.

PAPALIA, D.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PRADO, G.F. **Metodologias ativas no ensino de ciências**: um estudo das relações sociais e psicológicas que Influenciam a aprendizagem. 2019. 369 f. Tese (Doutorado em Educação para Ciência)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

SAHAGOFF, A. P. C; Metodologias ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade. In: JUNIOR, J. M. A; SOUZA, L. P; SILVA, N. L. C. (org.). **Metodologias ativas**: um estudo sobre práticas pedagógicas. Campo Grande: Editora Inovar, 2019.

SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**, Curitiba. n 57, p. 221-238, jul./set. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA - SBP. **Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência**. Guia Prático de Atualização. n 6, Agosto, 2018.

ANEXO – OFÍCIO DE APRESENTAÇÃO NA ESCOLA**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS**

OFÍCIO S/N

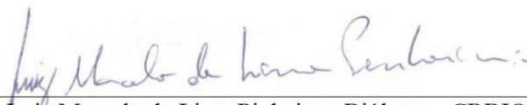
Breves, _____ de _____ de 2016.

A (Ao) DIRETOR(A): _____ da ESCOLA _____

Assunto: Pesquisa de campo em escolas do município de _____

Cumprimento Vossa Senhoria. Venho por meio deste, solicitar que o discente da UFPA Breves, Tiago da Silva Albuquerque, possa realizar suas atividades de pesquisa nesta escola. O referido aluno é bolsista de iniciação científica da UFPA. O mesmo desenvolve pesquisa na área epidemiológica. A sua pesquisa tem como objetivo aprimorar o conhecimento dos discentes do ensino fundamental e médio sobre as DSTs. O bolsista fará apresentação e palestras promovendo dinâmicas com aplicação do conteúdo e ao mesmo tempo abrindo espaço para perguntas e esclarecimentos sobre o tema que considero de grande relevância no meio estudantil de nossa região, tudo isso com o intuito de analisar a compreensão dos alunos e o nível de conhecimento sobre o tema abordado a fim de gerar estatística para compor os resultados de sua pesquisa. Além desta pesquisa a escola poderá receber outras palestras sobre o assunto na medida da disponibilidade de seu calendário.

Atenciosamente.



Prof. Dr. Luiz Marcelo de Lima Pinheiro - Biólogo – CRBIO 30361/6D
Professor Adjunto 1 - Matrícula SIAPE 3299429

APÊNDICE A - AFIRMAÇÕES DA DINÂMICA: CONCORDO X DISCORDO

1. Um funcionário portador do vírus da AIDS deve permanecer trabalhando.
2. O uso de camisinha reduz o risco de pegar DST.
3. Existe mais risco de pegar AIDS na relação sexual anal do que na relação vaginal e oral.
4. Podemos se infectar pelo vírus da AIDS através do beijo na boca e picada de mosquito.
5. A aposentadoria deve ser oferecida a toda pessoa portadora do vírus da AIDS.
6. O uso de anticoncepcionais evita DST.
7. Pode se pegar AIDS indo ao dentista ou frequentando manicures.
8. Um teste de AIDS (Elisa) negativo significa que a pessoa não está infectada com o vírus.
9. Todo usuário de droga acabará infectando pelo vírus da AIDS.
10. É perigoso visitar um amigo com AIDS.
11. Não existe risco de pegar o vírus da AIDS brincando com seringas usadas.
12. É impossível uma criança pequena ser infectada pelo vírus da AIDS.
13. Já existe vacina que pode trazer a cura da AIDS.
14. O vírus da AIDS enfraquece o sistema de defesa, fazendo com que as pessoas adoçam com facilidade.
15. Nunca devemos ter relação sexual sem o uso de preservativo.
16. Podemos beijar, abraçar os nossos amigos, pegar nos mesmos objetos, sem risco de pegar AIDS.
17. Uma pessoa pode ter uma doença sexualmente transmissível sem ter nenhuma dor ou problema aparente.
18. O fornecimento de métodos contraceptivos para adolescentes requer a autorização de pais ou responsáveis.
19. O uso da camisinha não é tão importante em um relacionamento, quando os parceiros já se conhecem.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA A ANÁLISE DA PALESTRA

Escola: _____

Ano Escolar: _____ Sexo _____

- 1) Você já tinha participado de uma palestra como essa antes?

- 2) Como você se sentiu fazendo parte da palestra! Se sente confortável falando desses assuntos em público!

- 3) O que você achou do tema abordado? Poderia ser acrescentado algo mais ou deveria ser retirado algum conteúdo desnecessário? Comente.

- 4) Você já sabia das coisas que foram ditas na palestra? Tente descrever o quanto você aprendeu, nos dando também um exemplo de algo que você não sabia e que aprendeu hoje.